

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Um hospital português em França na Grande Guerra

A Portuguese hospital in France during the Great War

Un hôpital portugais en France pendant la Grande Guerre

Un hospital portugués en Francia en la Grande Guerra

Helena da Silva
IHC-NOVA-FCSH
helenadasilva@fcs.unl.pt

Resumo: Longe do rebuliço das trincheiras, um hospital português funcionou no sudoeste francês, em Hendaia, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Os militares portugueses poderiam convalescer nesta estrutura antes de regressarem aos combates. A partir de uma análise qualitativa e quantitativa de um conjunto de fontes arquivísticas, este artigo pretende conhecer o funcionamento deste hospital de forma mais aprofundada, das suas origens ao seu encerramento, passando pelo pessoal que ali trabalhou e pelos homens que ali deram entrada. Será assim avaliado o seu impacto no conjunto das estruturas de saúde durante a Grande Guerra.

Palavras-chave: Hendaia, Primeira Guerra Mundial, cuidados de saúde, estruturas hospitalares

Abstract: Far from the hustle of the trenches, there was a Portuguese hospital in the French southwest, in Hendaye, in the context of the First World War. Portuguese servicemen could convalesce in this structure before returning to combat. Through a qualitative and quantitative analysis of a set of archival sources, this article seeks to know more in detail the existence of this hospital, from its origins until its closure, including the personnel that worked there and the men that were admitted. It will be evaluated the impact of this hospital in the overall healthcare structures during the Great War.

Keywords: Hendaye, First World War, Healthcare, hospital facilities

Résumé : Loin du tumulte des tranchées, un hôpital portugais a fonctionné pendant la Première Guerre mondiale à Hendaye, dans le sud-ouest de la France. Les militaires portugais pouvaient s'y rétablir avant de retourner aux combats. À partir d'une analyse qualitative et quantitative d'un ensemble de sources archivistiques, cet article vise à connaître le fonctionnement de cet hôpital de façon plus approfondie, de ses origines jusqu'à sa fermeture, en passant par le personnel qui y travailla et par les hommes qui y furent admis. Ainsi, sera évalué son impact au sein de l'ensemble des structures de santé pendant la Grande Guerre.

Mots-clés : Hendaye, Première Guerre mondiale, Soins de Santé, structures hospitalières

Resumen: Lejos del bullicio de las trincheras, funcionó un hospital portugués en el sudoeste de Francia, en Hendaia, en el contexto de la Primera Guerra Mundial. Los militares portugueses podían recuperarse en esta estructura antes de volver a los combates. A partir de un análisis cualitativo y cuantitativo de un conjunto de fuentes archivísticas, este artículo intenta conocer el funcionamiento de este hospital de una forma más profunda, desde sus orígenes hasta su cierre, pasando por el personal que allí trabajó y por los hombres que allí entraron. Será así evaluado su impacto entre el conjunto de las estructuras de salud durante la Gran Guerra.

Palabras clave: Hendaia, Primera Guerra Mundial, asistencia sanitaria, estructuras hospitalarias

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

1. Introdução

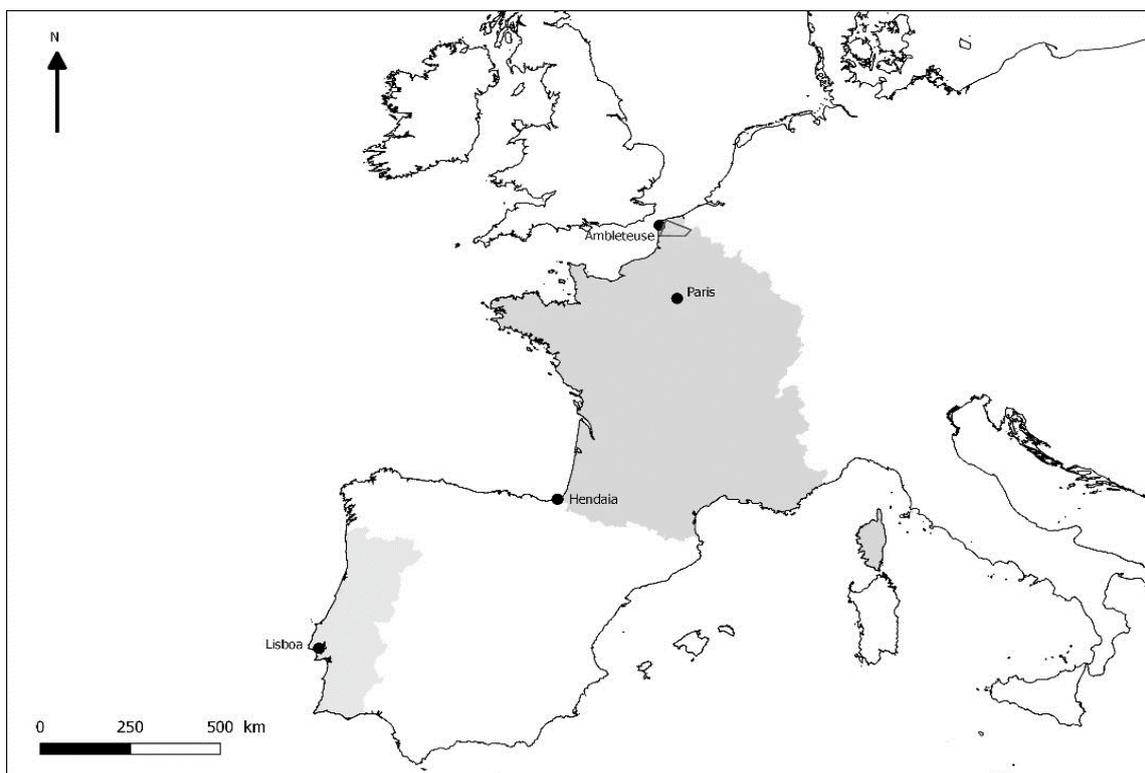
Na sequência da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial e do envio de tropas para a Flandres, várias estruturas hospitalares foram criadas em França, quer pelas autoridades militares, quer por organizações voluntárias, diferentes entre si. Algo que não era uma novidade, pois a proteção e o cuidado dos militares sempre foram uma incumbência dos governantes, mesmo se delegada a terceiros. Pontualmente, as Misericórdias receberam soldados pois detinham a hegemonia dos cuidados de saúde em meio hospitalar em Portugal (Araújo, 2002; Araújo, 2005; Araújo, 2012). A Ordem de S. João de Deus administrou durante quase 200 anos os hospitais reais que admitiam maioritariamente militares. Nestas estruturas, em edifícios adaptados ou construídos ao longo da fronteira portuguesa, cuidava-se do corpo e das almas (Borges, 2007). Com o Liberalismo, assistiu-se ao afastamento das ordens religiosas como a de S. João de Deus e a uma progressiva laicização dos hospitais, reforçada com a instauração da República (Silva, 2010). Assim, na Primeira Guerra Mundial destacaram-se a Cruz Vermelha e a Cruzada das Mulheres Portuguesas¹, reconhecidas como sociedades de socorros voluntários que podiam edificar os seus próprios hospitais, seguindo as exigências da época. Convém recordar que paralelamente à laicização hospitalar, o século XIX ficou marcado por um conjunto de avanços científicos e médicos, decorrentes da revolução pasteuriana, com profundas alterações nos cuidados de saúde (Silva, 2014), bem visíveis na Primeira Guerra Mundial. Este conflito, que recorreu como nenhum antes a armas industriais, levou a um aumento exponencial de feridos, mas o número de doentes era também elevado devido às péssimas condições de vida nas trincheiras, conduzindo a uma medicalização da guerra (Harrison, 2010). Na frente ocidental², foi montado um complexo sistema de estruturas de saúde, para receber rapidamente feridos e doentes, dispensar-lhes os cuidados necessários para que pudessem regressar o quanto antes aos combates. Os cuidados dispensados, incluindo preventivos, foram os mais sofisticados de sempre, com novos tratamentos e novos medicamentos. Nunca como antes, a guerra

¹ Organização voluntária, feminina, republicana e patriótica criada após a declaração de guerra por senhoras da elite portuguesa para assistir os militares e respetivas famílias através de diferentes comissões e ações (Lousada, 2011; Silva, 2017).

² No teatro africano, a situação foi diferente com cuidados improvisados (Portela 2015).

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

funcionou como um laboratório de experiências e os hospitais militares como locais de formação (Bergen, 2014). O caso português não foi diferente, com uma rede de estruturas de saúde desde as trincheiras até à retaguarda contando com postos de socorros, ambulâncias, e diversos hospitais. Uma dessas estruturas funcionou no sudoeste francês, longe da agitação das trincheiras: o Hospital Militar Português de Hendaia, fundado pela Cruzada das Mulheres Portuguesas em 1917. A organização fora autorizada a criar um hospital em Lisboa e outro junto dos campos de batalha ambos com 400 camas (Decreto nº 2493, 1916). Contudo, acabaria por ser a Cruz Vermelha Portuguesa³, rival da Cruzada⁴, a montar um hospital na retaguarda, em Ambleteuse, onde o Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) edificou dois hospitais e um campo de convalescentes (Afonso; Gomes, 2013: 307-308). Assim, à Cruzada coube a transformação de um casino em hospital numa “encantadora praia do Sul da França”, localizada na fronteira com a Espanha (“Em Hendaya”, 1917: 373).



Mapa 1 Hendaia, Ambleteuse e o quadrilátero do setor português do C.E.P.

³ Leia-se SILVA, 2018.

⁴ A Cruz Vermelha era associada à nobreza e à Igreja Católica em oposição à Cruzada como uma organização patriótica, republicana e laica (Moura 2006).

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Poucas publicações sobre a Grande Guerra têm mencionado este hospital, tirando algumas exceções com breves referências (Fraga, 2006; Lousada, 2011; Ferreira, 2012). A título de exemplo, na vasta obra *Portugal e a Grande Guerra* surgem fotografias do Hospital de Hendaia acompanhadas de parcas informações sobre o seu pessoal (Afonso e Gomes, 2013: 360-361) e resumindo anteriores alusões (Martins, 1934: 291). Álvaro Martins mencionara as “luxuosas instalações” e a reduzida capacidade de hospitalização (Martins, 1936: 125). Já Isabel Pestana Marques salientou o papel de hospital de convalescença, diferente das restantes estruturas de saúde, e referiu alguns dos seus espaços, bem como a colaboração com as autoridades francesas (Marques, 2008: 179-180). Também Natividade Monteiro, nos seus trabalhos sobre as ações da Cruzada, tem escrito sobre este hospital, sem aprofundar o tema (Monteiro, 2016a; 2016b). O papel limitado deste hospital nos cuidados de saúde aos militares do C.E.P., a sua localização longe do *front* e as poucas referências na imprensa da época justificam, em parte, este cenário.

Tendo em conta este vazio na historiografia, este artigo pretende analisar o Hospital Militar Português de Hendaia, desde as suas origens até ao encerramento, examinando as instalações, os pacientes e o pessoal de saúde mobilizado. Daremos a conhecer o funcionamento desta estrutura partindo de uma análise qualitativa e quantitativa de fontes do Arquivo Histórico Militar Português (PT AHM), do Arquivo da Cruzada das Mulheres Portuguesas disponível na Liga dos Combatentes (LC-ACMP) e do Arquivo da Cruz Vermelha Portuguesa (ACVP). Tentaremos avaliar o impacto deste hospital no conjunto das estruturas de saúde criadas durante a Grande Guerra em França.

2. De casino a hospital

Após a declaração de guerra da Alemanha, a *Société Foncière de Hendaye et du Sud-ouest*, proprietária do casino, ofereceu gratuitamente as instalações à Presidente da Comissão de Hospitalização da Cruzada das Mulheres Portuguesas, esposa do ex-chefe do Governo e então ministro das Finanças Afonso Costa, que aceitou o convite em junho de 1916⁵. O edifício de estilo neoárabe situado junto à praia, que fora um hospital para

⁵ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de M. Martinet para Afonso Costa, 24.03.1920.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

soldados franceses no início do conflito⁶, teria as condições necessárias para mais de uma centena de camas. Além da cozinha, da lavandaria, do refeitório e das casas de banho, tinha galerias para curas de sol, gabinetes que poderiam ser usados pela administração e quartos eventualmente para oficiais, para isolar doentes ou para o pessoal dirigente do hospital⁷ (Imagem 1).

M. Martinet, presidente do conselho de administração da sociedade proprietária do casino, acabou por definir as funções do futuro Hospital Militar Português de Hendaia ao sugerir que recebesse feridos ligeiros ou convalescentes que não pudessem ser evacuados para Portugal, referindo que o clima local seria propício para restabelecer a saúde dos militares. Por último, Martinet argumentou que a localização de Hendaia seria acessível às famílias portuguesas que quisessem visitar os soldados ali hospitalizados⁸.



Imagem 1 Hospital Militar Português de Hendaia Fonte: PT AHM FE/110/A11/PQ/40. Fotografias dos hospitais do C.E.P.

⁶ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Afonso Costa para Vitorino Godinho, 25.03.1920.

⁷ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de M. Martinet para Afonso Costa, 30.05.1917.

⁸ *Ibidem.*

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

A 24 de outubro de 1917, o casino foi oficialmente entregue por Martinet a Bernardino Machado, que não lhe poupou elogios pela colaboração (“Em Hendaya”, 1917). Na mesma ocasião, o Presidente da República assumiu todos os custos com possíveis obras, incluindo de reposição das instalações do casino nas mesmas condições em que tinha sido emprestado. Apesar de nenhuma representante da Cruzada estar presente neste ato, esta decisão favorecia a organização que ficava com um hospital às custas do Estado Português, numa situação oposta à da Cruz Vermelha, que pagou a sua construção e recorreu a apoios estrangeiros (Silva, 2018).

Além do apoio do governo português, a empresa proprietária do casino intercedeu junto de Justin Godard, subsecretário de Estado e responsável pelo Serviço de Saúde militar francês, que acabaria por auxiliar a Cruzada através do empréstimo de diversos bens⁹ (roupas de cama, loiças, material hospitalar) e da venda de medicamentos, géneros alimentares e combustíveis a preço de custo. Além destes apoios, o hospital foi aprovisionado, de forma graciosa, de água pelo município de Hendaia e de iluminação pela Companhia de Eletricidade Irun-Endara. Por último, o Sr. Armando de Abreu cedeu um pequeno chalé para habitação da administração¹⁰. A colaboração com o Exército francês e restantes auxílios permitiram certamente reduzir os custos de implementação e de funcionamento deste estabelecimento.

O hospital para soldados e oficiais recuperáveis seria organizado e mantido pela Comissão de Hospitalização da Cruzada (Portaria nº 1141, 1917), que escolheu Sílvio Rebelo Alves para o dirigir. Em finais de 1917, com um cheque de 50.000 francos passado pelo Estado Português (Decreto nº 4059, 1918), este médico começou a preparar as instalações, juntamente com a Presidente e uma vogal da Comissão de Hospitalização¹¹, a quem a Cruzada pagou parte das despesas de deslocação¹².

Contudo, em contexto bélico, o processo de montagem prolongou-se, como nos hospitais da Base e da Cruz Vermelha, estes construídos de raiz, levantando-se suspeitas

⁹ PT AHM DIV1/35/1270/5, Cartas de M. Martinet para Afonso Costa, 30.05.1917; 24.03.1920.

¹⁰ PT AHM DIV1/35/671/2, *Livro de Carga de Medicamento*; PT AHM DIV1/35/123/6, Relatório do Chefe do Serviço de Saúde da Base sobre o Hospital de Hendaia, 07.06.1918.

¹¹ PT AHM DIV1/35A/1/09/2751, Boletim individual de Sílvio Rebelo Alves, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=128851>; PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Afonso Costa para Vitorino Godinho, 25.03.1920; Carta de M. Martinet para Afonso Costa, 24.03.1920.

¹² LC-ACMP, Pasta 6, Carta de Angélica Bordalo Pinheiro, 1918.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

sobre o seu funcionamento. Ao visitar Hendaia, o jornalista que acompanhava a missão da Cruz Vermelha Portuguesa concluiu que se poderia ter organizado em Portugal um hospital melhor pois este estava longe da frente de guerra, num local de clima pouco agradável (mesmo se melhor do que no norte da França) e necessitava de obras dispendiosas (Freire, 1919: 29-32).

Esta opinião realista resume o que seria este hospital, cuja abertura foi sendo adiada também devido ao golpe de Estado de 5 de dezembro de 1917. Com a mudança política, a Cruzada perdeu o apoio dos governantes, tendo sido acusada de gastar avultadas somas de dinheiro público (Moura, 2006). A Comissão de Hospitalização estava então no centro da polémica devido a um empréstimo obscuro pedido ao Governo para as obras do Hospital Militar de Campolide (Lisboa) que tencionava pagar com o dinheiro angariado com a Lotaria Patriótica (Lei nº 529, 1916: 427)¹³. Como consequência, em janeiro de 1918, os estabelecimentos hospitalares da Cruzada, incluindo o de Hendaia, passaram a ser administrados pelo Ministério da Guerra (Decreto nº 3732, 1918: 14; “Crónica. Ecos sanitários da mobilização”, 1918: 8).

No final, o Estado Português decidiu continuar com este projeto e, dois meses depois, os efetivos ao serviço do Hospital Militar Português de Hendaia seriam revistos em baixa e este passava a ter um conselho administrativo para gerir a parte financeira (Decreto nº 4059, 1918). Em finais de março, o Ministro da Guerra autorizou a seguir por via terrestre o pessoal que iria servir neste hospital¹⁴. Com a chegada do diretor e do tesoureiro em abril recomeçaram os trabalhos preparatórios para colocar em funcionamento o hospital. Estava armazenada uma grande quantidade de material e medicamentos fornecidos pelo Serviço de Saúde francês¹⁵, como anteriormente mencionado, e posteriormente coube às farmácias de Hendaia e Bayonne abastecerem o hospital¹⁶. Recorde-se que após a Batalha de la Lys, Portugal continuava presente na frente europeia, mais na retaguarda, afastado dos grandes combates, e com efetivos reduzidos (Afonso; Gomes, 2013: 423-426).

¹³ LC-ACMP, Pasta 1, *Livro de Actas da Comissão Central da Cruzada das Mulheres Portuguesas*, Ata de 13.12.1917.

¹⁴ PT AHM DIV1/35/1298, Carta do Quartel General Territorial do CEP para o Chefe do Estado-Maior, 30.03.1918.

¹⁵ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Abel Augusto de Sousa Penalva, 26.12.1919.

¹⁶ PT AHM DIV1/35/671/2, *Livro de Carga de Medicamentos*.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

3. Instalações

Em junho de 1918, o Hospital Português de Hendaia começou finalmente a admitir militares, ao que tudo indica sem qualquer inauguração oficial. Após as obras, o hospital usufruía de “uma situação e exposição esplendidas [*sic*] e bem assim todos os anexos indispensáveis: sala de operações, sala de pensos, gabinete de radiologia, gabinete de análises clínicas [...] excelentes terraços para curas ao ar livre” (Imagem 2). As instalações ficaram com uma capacidade para 50 oficiais e 100 praças, podendo ter mais 200 camas, se necessário, que poderiam ser instaladas num hangar e em tendas-barracas num campo próximo¹⁷. Contudo, nunca se revelou necessário o recurso a tendas-barracas, como foi o caso de várias estruturas de saúde no norte da França (Marques, 2008). Sabe-se que em contexto bélico, a admissão num hospital era uma escapatória à violência dos combates, um local de refúgio que permitia aos militares algum repouso, uma melhor alimentação e higiene (Bergen, 2014: 291). Foi assim nos hospitais portugueses na retaguarda, sendo o caso de Hendaia flagrante, podendo os pacientes usufruir de passeios à beira-mar, num clima menos frio e ventoso do que Ambleteuse (Freire, 1919: 21).



Imagem 2 Terraços do Hospital Militar Português de Hendaia. Fonte: PT AHM FE/110/A11/PQ/40. Fotografias dos hospitais do C.E.P.

¹⁷ PT AHM DIV1/35/123/6, Relatório do Chefe do Serviço de Saúde da Base sobre o Hospital de Hendaia, 07.06.1918.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Infelizmente hoje apenas se conhece uma planta do rés-do-chão do hospital, sem data, nem descrição, mas que confirma os relatos existentes. Passada a entrada principal, ficando de costas para a cidade, encontrava-se um vestiário e uma pequena sala para o pessoal de serviço, seguindo-se um hall com acesso a duas enfermarias, provavelmente a enfermaria de Medicina 1 com 45 camas do lado oeste e a Medicina 2 com 33 leitos do lado este (Imagem 3). Depois de atravessado o hall, encontravam-se as galerias e o refeitório (uma sala circular com vista para a praia). No lado este, ficavam ainda a sala de operações e a enfermaria de Cirurgia com 20 camas, e mais oito leitos (provavelmente a enfermaria de Vias Urinárias, que passou para Medicina 3 em dezembro de 1918¹⁸), a sala de pensos e várias casas de banho. Do lado oeste havia mais latrinas, a sala de radiografia, os vestiários das enfermeiras e a lavandaria¹⁹. Supomos assim que o gabinete de análises clínicas e as restantes 44 camas, muito provavelmente para oficiais, ficavam no primeiro piso, mas desconhecemos qual o uso dado ao segundo. Estes espaços seguiam os preceitos higiénicos e científicos da época e eram semelhantes aos dos restantes hospitais portugueses (Marques, 2008).



Imagem 3 Enfermaria de Medicina 2, antiga sala de jogo do Casino- Fonte: PT AHM FE/110/A11/PQ/40. Fotografias dos hospitais do C.E.P.

¹⁸ Diversas fontes mencionam as enfermarias do Hospital de Hendaia. PT AHM DIV1/35/671/3, Mapas das Visitas Médicas; PT AHM DIV1/35/671/2, *Livro Receituário*.

¹⁹ PT AHM DIV1/35/671/4, Planta do Hospital de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Também as fotografias deste hospital confirmam as descrições do edifício de estilo neoárabe, a localização privilegiada em cima da praia, ou ainda, a rotunda onde funcionou o refeitório (Imagem 1 a 3). Os clichés revelam as galerias e os terraços onde os pacientes podiam passear de forma idílica, longe da violência da guerra. Acreditamos que as fotografias tenham sido tiradas por Manuel Vítor Guerreiro, fotógrafo do Instituto de Medicina Legal, contratado como equiparado a alferes para o Hospital da Base nº 1, pois esteve em serviço em Hendaia para “fazer a documentação fotográfica” do hospital em finais de 1918²⁰. Este é assim um registo oficial que, apesar de não ter sido então publicado, retrata apenas momentos de serenidade e oculta o lado mais sombrio da guerra, à semelhança de outras reportagens fotográficas. Em vários clichés os hospitalizados posam para o fotógrafo. Recorde-se que durante a Grande Guerra, a fotografia foi um meio privilegiado de propaganda (Lima; Sousa, 2015; Novais, 2013).

4. Pacientes

Como hospital de retaguarda, Hendaia recebeu homens evacuados de Ambleteuse. Contudo, a viagem entre as duas localidades era longa, percorrendo os pacientes mais de 1.000 quilómetros em três dias. Primeiro, os militares evacuados eram transportados em ambulância de Ambleteuse até à Estação de Boulogne-sur-Mer, seguindo em comboio até Paris, novamente em ambulância na ligação entre as duas estações parisienses²¹ e depois de comboio até Hendaia. Os doentes e feridos eram acompanhados por pessoal dos serviços de saúde, levavam com eles o material médico necessário para a viagem e eram abonados de ração para três dias²². Por último, era exigido aos militares a evacuar que estivessem “devidamente uniformizados, lavados, barbeados, cabelo cortado”²³, respeitando as normas higiénicas e de aparato.

²⁰ PT AHM DIV1/35/679, Contrato de Manuel Vítor Guerreiro; PT AHM DIV1/35A/1/02/0356, Boletim individual de Manuel Vítor Guerreiro, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=128167>.

²¹ A ligação entre a *Gare du Nord* e *d’Orsay* era da responsabilidade do representante do Triângulo Vermelho Português, também conhecido por Uniões Cristãs da Mocidade ou Y.M.C.A. Foram organizações que apoiaram os militares através de atividades recreativas e distribuição de alimentos (“Triangulo Vermelho Portuguez”, 1918).

²² PT AHM DIV1/35/123/6, Instruções para a evacuação dos doentes e feridos assentados para o Hospital Militar de Hendaia.

²³ PT AHM DIV1/35/674, Ordens de serviço do Hospital da Base nº 1, Ordem nº 141 de 13.08.1918.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Devido às condições de transporte, apenas seriam evacuados para Hendaia os oficiais e praças recuperáveis, incluindo das enfermarias cirúrgicas, que pudessem fazer a viagem sentados, exceto os doentes infectocontagiosos, sobretudo os tuberculosos. O seu transporte seria demasiado complexo e implicaria medidas rigorosas para garantir o isolamento e evitar o contágio de militares e civis²⁴. Contudo, a análise do registo de pacientes revelou que alguns sofriam de tuberculose²⁵, diagnosticada posteriormente à sua evacuação.

A mesma análise estatística permitiu constatar que o primeiro paciente foi hospitalizado a 15 de junho de 1918, tendo alta quinze dias depois²⁶. Entre essa data e o encerramento contabilizamos 155 entradas no Hospital Militar Português de Hendaia de 154 homens diferentes, sendo a última a 20 de dezembro, apesar de o hospital funcionar até fevereiro de 1919²⁷. Destes, onze eram militares do exército francês e americano, sobretudo soldados, ou civis espanhóis, sendo que seis sofriam de gripe, provavelmente pneumónica²⁸. Dos onze estrangeiros, apenas um faleceu²⁹. Assim, este hospital recebeu um número reduzido de pacientes, em comparação com outras estruturas perto do *front* (Marques, 2008), nunca tendo estado sobrelotado, num momento de menores combates e provavelmente devido à burocracia necessária, à morosidade e ao cansaço da viagem, bem como aos elevados custos associados.

Se focalizarmos a análise quantitativa nos militares portugueses, verificamos que apenas um soldado foi admitido em dois momentos, primeiro em julho sofrendo de gripe e depois em novembro por outra doença, tendo ficado hospitalizado três e quatro dias respetivamente. Esta dupla entrada e, para mais, com uma moléstia infetocontagiosa deve-se ao facto de este soldado estar ao serviço do hospital, não tendo efetuado as viagens entre Ambleteuse e Hendaia³⁰. Constatamos que alguns militares, sobretudo os

²⁴ PT AHM DIV1/35/674, Ordens de serviço do Hospital da Base nº 1, Ordem nº 130 de 02.08.1918; Ordem nº 191 de 05.10.1918; Ordem nº 214 de 28.10.1918.

²⁵ PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

²⁶ Ibid.

²⁷ Segundo Álvaro Martins, este hospital recebeu um total de 154 doentes, sem especificar se algum deles deu entrada duas vezes, como na nossa análise (Martins, 1936: 125).

²⁸ 1918 ficou marcado pela pandemia de gripe, também denominada influenza ou “gripe espanhola” (Frada, 2005; Sobral *et al.*, 2009).

²⁹ PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

³⁰ PT AHM DIV1/35A/2/43/40390, Boletim individual de Josué Dinis, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=228521>.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

que tinham períodos de hospitalização mais curtos, seguiam depois para Portugal para gozar licença.

Assim, entre 15 de junho de 1918 e 23 de fevereiro de 1919, contabilizamos um total de 12.228 dias de hospitalização e uma média de 79 dias por paciente. Alguns militares portugueses estiveram hospitalizados apenas dois dias, mas a duração máxima foi de 204 dias, isto é, quase sete meses. A análise cruzada com outras fontes arquivísticas permitiu confirmar que os militares portugueses eram evacuados das estruturas hospitalares de Ambleteuse, principalmente dos Hospitais da Base 1 e 2, mas também do Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa e do Depósito de Convalescentes, mesmo se em menor número³¹.

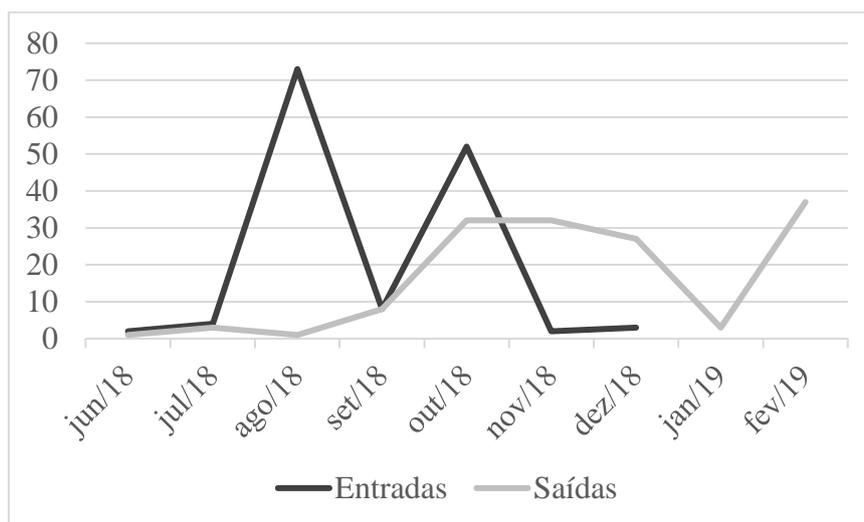


Gráfico 1 Entradas e saídas no Hospital Militar Português de Hendaia, 144 casos. Fonte: PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

Como representado no Gráfico 1, o número de entradas por mês é mais regular a partir de agosto, confirmando os relatos sobre o número reduzido de enfermos até esse mês (Martins, 1936: 125). Foi aliás em agosto que se deu um “pico” de entradas, com uma redução no mês seguinte, e um novo aumento em outubro, diminuindo novamente

³¹ ACVP, *Livro de registo de praças de pré que estiveram em tratamento no Hospital de França*; PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes; PT AHM DIV1/35/675/4, Relações de oficiais e praças hospitalizados no Hospital da Base nº 1; PT AHM DIV1/35/1790/10, Praças evacuadas para o Hospital de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

nos meses seguintes, consequência da assinatura do armistício. Com o fim das hostilidades, este hospital não recebeu prisioneiros de guerra, como por exemplo, o Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa em Ambleteuse³². Relativamente às saídas, apenas aumentaram entre outubro e dezembro, notando-se uma quebra no mês seguinte e um “pico” em fevereiro, com a evacuação de todos os pacientes aquando do encerramento.

Quanto às causas de hospitalização, as feridas resultantes dos combates eram uma minoria (14,3%) face às doenças (85,7% de 126 casos)³³, num conflito marcado pelo uso de armas químicas (Sarmiento, 1918) que levaram a um conjunto de mutilações e perturbações do foro psíquico. Contudo, esta situação acaba por não ser surpreendente tendo em conta a localização periférica do hospital e o período de funcionamento, com menos combates para as tropas portuguesas e o armistício. Por outro lado, é um quadro semelhante a outros hospitais de retaguarda em França (exceto no reduzido número de tuberculosos) revelando uma seleção deficiente dos militares, uma fraca medicina preventiva e as difíceis condições de vida nas trincheiras agravadas pela longa permanência no *front* (Marques, 2008; Silva, 2018). Quanto às doenças, convém mencionar que são apontadas múltiplas moléstias em várias entradas. Em mais de metade dos casos destaca-se o cansaço (fraqueza ou astenia) como motivo para a hospitalização, seguindo-se a anemia e um conjunto de doenças do foro respiratório algumas delas infecciosas como a gripe, a pleurisia, a tuberculose ou a bronquite (Quadro 1). A completar este quadro, encontram-se ainda militares que sofriam de diferentes formas de paludismo, de sífilis, de doenças do foro mental e do resultado de ataques por gases.

Doenças	Nº entradas
Alienação mental	2
Anemia	10
Bronquite	2
Fraqueza	62
Gaseado	1
Gripe	5

³² ACVP, Pasta 1ª Guerra Mundial Ambleteuse 2, Carta de Luís Bettencourt para o Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, 18.11.1918.

³³ As causas são desconhecidas em 18 casos. PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Outras	22
Paludismo	2
Pleurisia	3
Sífilis	1
Tuberculose	2
Total	112

Quadro 1 Doenças no Hospital Militar Português de Hendaia. Fonte: PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

Contrariamente ao que tinha sido definido, este hospital admitiu tuberculosos, com um diagnóstico posterior à evacuação, em número reduzido comparativamente às restantes estruturas, sobretudo se considerarmos que esta foi uma das principais causas de invalidez (Marques, 2008). Assim, um dos soldados sofria de astenia quando foi evacuado do Hospital da Base nº 1³⁴ e o outro foi diagnosticado de tuberculose pulmonar e enterite tuberculosa já em Hendaia e os pedidos de evacuação para Portugal foram recusados. Consequentemente, permaneceu até ao encerramento neste hospital militar, onde o clima marítimo não contribuiu para melhorar o seu estado de saúde, tendo depois sido internado no Sanatório Militar Francês de Larressore (a menos de 50 quilómetros). Ali esteve quase quatro meses e, melhorado da sua condição, seguiu para Lisboa em junho de 1919³⁵.

Quanto às saídas do hospital, a grande maioria ficou curada ou melhorada (90,3% de 143 casos conhecidos), dez militares foram evacuados (6,99%) e três faleceram (2,1%). Os militares foram maioritariamente evacuados aquando do encerramento e encaminhados para o Hospital da Base nº 1 em Ambleteuse, o único naquela localidade que ainda funcionava³⁶. Relativamente às causas de morte, um militar faleceu de tuberculose pulmonar, outro de “cancro gástrico” e um terceiro por afogamento na praia³⁷. Os dois primeiros foram sepultados no cemitério de Hendaia e o terceiro no cemitério de Fuenterrabía em Espanha³⁸.

³⁴ PT AHM DIV1/35/675/4, Relações de oficiais e praças hospitalizados no Hospital da Base nº 1.

³⁵ PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

³⁶ PT AHM DIV1/35/674, Ordens de serviço do Hospital da Base nº 1.

³⁷ PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

³⁸ PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Quanto ao posto dos portugueses hospitalizados em Hendaia, eram maioritariamente praças (136) nomeadamente soldados, refletindo a proporção das tropas portuguesas em França (Gráfico 2). O número de oficiais admitidos foi extremamente reduzido (três alferes, um capitão, um tenente e um tenente-capitão). Partindo das informações complementares de 12 homens, o paciente tipo tinha em média 24 anos, era solteiro e soldado, tendo sido admitido por motivo de doença, nomeadamente por cansaço³⁹.

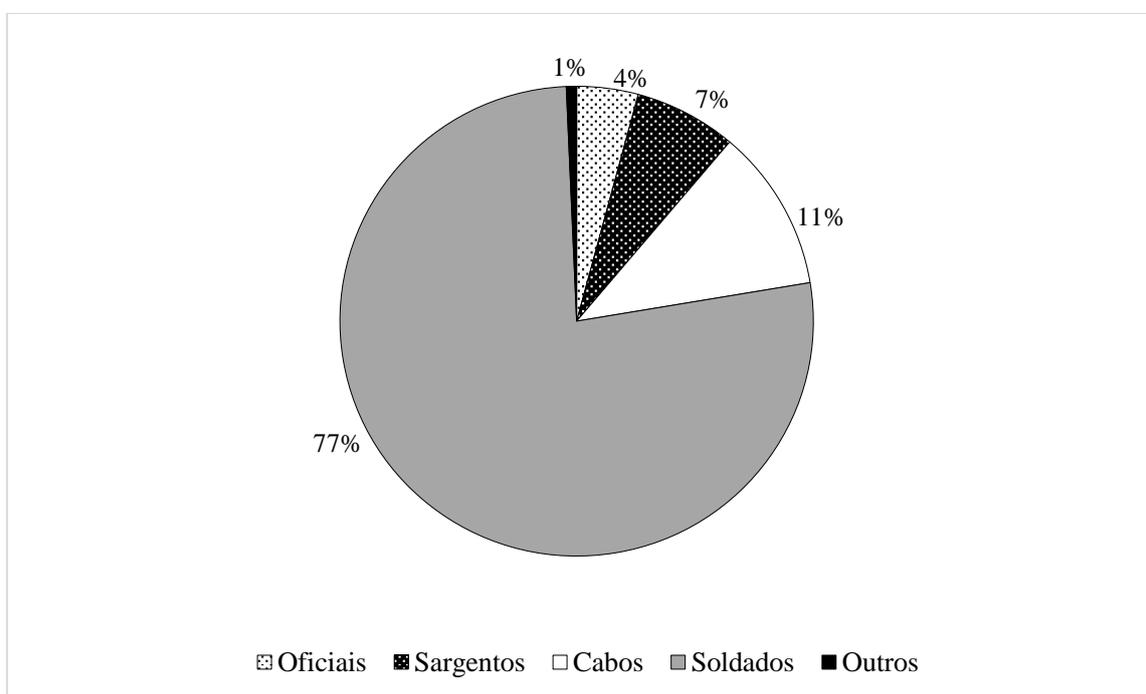


Gráfico 2 Posto dos pacientes admitidos no Hospital Militar Português de Hendaia, 143 casos. Fonte: PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

5. Pessoal

Quando o hospital começou a receber pacientes, apenas uma parte do pessoal estava ao serviço; entre eles, o diretor, quatro médicos (Alberto Gomes, João Bastos Lopes, Joaquim Nunes Claro e Francisco Pulido Valente), um farmacêutico (José Pedro Alves), um ajudante de farmácia (Albino Vieira Dionísio), três enfermeiras (Maria Guilhermina de Castro Dá Mesquita Sá Meneses, Virgínia Rosa de Almeida, Maria Augusta

³⁹ PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Fernandes) e dois enfermeiros, bem como um tesoureiro (Abel Augusto de Sousa Penalva) e um almoxarife (António Tomás Eloy)⁴⁰. Estavam em falta nove enfermeiras e oito sargentos enfermeiros segundo o que tinha sido definido no Decreto nº 4059 de 1918, e que nunca chegou a ser cumprido, provavelmente devido ao reduzido número de pacientes. Em finais de julho, com mais efetivos, o hospital tinha então ao seu serviço 46 pessoas, todas elas laicas: um diretor, cinco médicos, um farmacêutico e um ajudante, seis enfermeiras, quatro enfermeiros, um tesoureiro, um almoxarife, 22 soldados, três cabos e um cozinheiro⁴¹.

Parte deste pessoal manteve-se até ao encerramento do hospital, enquanto que outros ficaram ainda depois para o desmantelamento do mesmo. Contudo e à semelhança do que foi feito noutras estruturas de saúde para responder às necessidades do serviço, alguns médicos foram transferidos como Alberto Gomes e Francisco Pulido Valente e outros passaram temporariamente por Hendaia como Mário Pereira Lage, Cipriano Mendes Dordio, Gustavo Adolfo de Brito Pitschieller⁴². Aliás, o próprio diretor foi substituído por Alberto Gomes de Moura, a 20 de dezembro de 1918⁴³.

Relativamente à enfermagem, este hospital destacou-se pelo seu pessoal feminino e português, como no Hospital da Base nº 2 e no Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa. As enfermeiras em serviço em Hendaia tinham sido formadas pela Cruzada das Mulheres Portuguesas em 1917 e 1918, à exceção de duas enfermeiras da Cruz Vermelha. A enfermagem militar feminina era ainda uma novidade em Portugal, o que explica o seu peso reduzido, sobretudo se comparado a outros países beligerantes (Hallett, 2014). A formação destas enfermeiras estava nos seus inícios e, nem todas tinham respondido às expectativas da Cruzada ou obtido o respetivo diploma. Contudo, isso não as impediu de servir em França, nem a Maria Guilhermina de ser enfermeira-chefe (Silva, 2017). Posteriormente chegou-se mesmo a questionar quem tinha autorizado esta nomeação⁴⁴. Agnete May Farmer e Maria Eugénia da Silva Machado estiveram ali em serviço apenas um curto espaço de tempo devido a doença. Uma outra enfermeira deu à luz em Hendaia

⁴⁰ PT AHM DIV1/35/699, Mapa da Força do Hospital de Hendaia.

⁴¹ PT AHM DIV1/35/1788, Hospital de Hendaia – Placas.

⁴² PT AHM DIV1/35/699, Mapa da Força do Hospital de Hendaia.

⁴³ PT AHM DIV1/35/1372/8, Nota de Gomes de Moura para o Chefe dos Serviços de Saúde, 20.12.1918.

⁴⁴ PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

nos inícios de janeiro de 1919 (estado de gravidez anterior à sua mobilização), sem grandes consequências, tendo até sido recompensada pelos seus serviços. Aliás, quatro enfermeiras receberam a Medalha Comemorativa da Campanha de França e três foram repreendidas por pequenas falhas no serviço deste hospital, sobretudo falta de zelo e respeito pela hierarquia⁴⁵. As enfermeiras foram desmobilizadas quando o hospital fechou as suas portas. Infelizmente, as informações relativas ao restante pessoal são reduzidas, relativas ao tempo de serviço, a punições ou a aspetos financeiros, desconhecendo-se a sua formação ou as funções que desempenhavam.

6. O encerramento do hospital

Com o final da guerra, era difícil justificar a continuação deste estabelecimento de saúde, devido aos custos elevados e ao número reduzido de pacientes. Assim, a 15 de janeiro de 1919 foi dada ordem para encerrar o Hospital Militar Português de Hendaia⁴⁶, evacuando-se os pacientes para o Hospital da Base nº 1, como referido anteriormente. Com a saída do último doente, esta estrutura foi extinta a 24 de fevereiro, ficando ainda em serviço a comissão liquidatária⁴⁷.

Esta comissão, encarregada de dissolver o hospital, liquidar as contas e devolver o material emprestado, era composta pelo diretor Alberto Gomes de Moura, o tesoureiro Abel Penalva e o almoxarife António Eloy⁴⁸ (Decreto nº 4059, 1918). Estes tiveram ainda a colaboração de outros membros do pessoal como, por exemplo, os homens que sabiam falar francês para lidar com as autoridades locais. O arquivo da secretaria seguiu para Ambleteuse, mas o restante processo foi demorado devido à quantidade de material e mobiliário a devolver a uma pluralidade de instituições⁴⁹ e agravado pela doença do farmacêutico.

Foram então desmontadas as divisórias de madeira que separavam as diferentes salas, bem como as mesas e os bancos que serviram para construir caixotes para

⁴⁵ PT AHM DIV1/35/670/11, Registo Disciplinar do Pessoal.

⁴⁶ PT AHM DIV1/35/1270/5, Nota sobre a dissolução do Hospital de Hendaia.

⁴⁷ PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes; ACVP, Pasta 1ª Guerra Mundial Ambleteuse 2, Ordem nº 57 de 26.02.1919.

⁴⁸ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Sílvio Rebelo Alves, 15.12.1919.

⁴⁹ Por exemplo, a *Société Foncière de Hendaye* cedeu uma máquina de escrever. PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

transportar os materiais. De referir ainda que o gabinete de radiologia foi desmontado, embalado e enviado para Portugal (desconhecendo-se a sua posterior utilização), os medicamentos foram enviados para a Ambulância nº 3, o material de cirurgia foi entregue ao Hospital Militar de Bayonne e alguns géneros alimentares e carvão foram vendidos por 11 mil francos. Quando a comissão liquidatária desmobilizou a 12 de junho de 1919, esta entregou um saldo de 140 mil francos à Secretaria da Guerra, de que dependia o Hospital de Hendaia⁵⁰.

Contudo, as instalações teriam ficado “num estado deplorável”, o que levou os administradores do casino a pedir em julho uma subvenção para as obras que eram necessárias para que o estabelecimento voltasse a funcionar⁵¹. O orçamento incluía a reparação das casas de banho, a reposição de janelas, mármore e aparelhos elétricos, uma limpeza geral do casino, pinturas, entre outros, como a reinstalação de máquinas de cerveja à pressão. O valor ultrapassava os 7 mil francos, e corresponderia a uma pequena parte das obras⁵². Apesar do saldo positivo do hospital poder cobrar este valor, o pedido causou alguma surpresa pois a cedência do casino tinha sido negociada pela Cruzada e pelo anterior governo e tinha ficado apalavrado realizar eventuais obras de reparação no final. Após confirmação de várias personalidades, como Afonso Costa e o diretor do hospital, o Ministro da Guerra ordenou a liquidação da quantia à *Société Casino & Sports de Hendaye*, o que foi feito em março de 1920, pondo um fim na participação portuguesa nesta localidade francesa⁵³.

7. Considerações Finais

Como outrora, na Primeira Guerra Mundial, as autoridades portuguesas estabeleceram colaborações no campo dos cuidados de saúde para auxiliar os serviços de saúde militares. No palco francês, coube à Cruz Vermelha e à Cruzada das Mulheres Portuguesas esse contributo; a primeira construiu de raiz um hospital-barraca na retaguarda das trincheiras e a segunda transformou um casino em hospital para militares

⁵⁰ PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

⁵¹ PT AHM DIV1/35/1271/4, Carta de A. Duverney, 04.07.1919.

⁵² PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Afonso Costa para Vitorino Godinho, 25.03.1920.

⁵³ PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta do Adido Militar para o Chefe do Gabinete da Secretaria da Guerra, 31.03.1920.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

recuperáveis, apesar de demasiado afastado do *front*. Graças a uma colaboração intrínseca com as autoridades francesas (civis e militares) foi possível dar ao hospital todas as condições higiénicas e científicas necessárias para receber feridos e doentes.

Contudo, esta estrutura acabou por funcionar de forma temporária e limitada, tendo sofrido um conjunto de vicissitudes, desde a passagem das mãos da Cruzada para o Estado Português, atrasos consequentes nas obras e o adiamento da sua abertura. A localização do hospital, junto da fronteira espanhola, significava viagens dispendiosas e longas para os feridos e os doentes, sendo que nem todos os militares podiam convalescer em Hendaia, como os tuberculosos que eram em grande número entre as tropas portuguesas. Tudo isto num momento em que o exército estava menos envolvido em combates.

Assim, o hospital nunca chegou a estar sobrelotado, e acabou por manter um pessoal médico e de enfermagem estável, provavelmente satisfeito do local sossegado para onde foi mobilizado em contexto bélico. Por outro lado, é pouco provável que as famílias se tenham deslocado até Hendaia para visitar os militares portugueses, como inicialmente imaginado. A viagem seria longa e dispendiosa, passando pela Espanha neutral; além disso, o número de oficiais hospitalizados foi muito reduzido, e seriam estes que eventualmente teriam maior capacidade financeira para que as famílias os fossem visitar.

Apesar de desconhecermos os custos totais deste hospital, sabemos que entre as estruturas hospitalares constituídas em França durante a Grande Guerra, foi a que menos pacientes recebeu e operou no mais curto período de tempo. Mesmo funcionando de forma articulada com os restantes hospitais de retaguarda, a sua localização acabou por ditar o seu fado. O Hospital Militar de Hendaia ficou aquém dos objetivos iniciais, teve um impacto reduzido nos cuidados de saúde dos militares portugueses e acabou por ser de pouca utilidade face ao investimento financeiro do Estado. Tudo isto revela uma grande falta de organização, objetividade e planificação que tanto caracteriza a participação portuguesa na Grande Guerra (Telo; Sousa, 2016).

Bibliografia:

Fontes Manuscritas e dactilografadas:

ACVP, *Livro de registo de praças de pré que estiveram em tratamento no Hospital de França*.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

ACVP, Pasta 1ª Guerra Mundial Ambleteuse 2, Carta de Luís Bettencourt para o Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, 18.11.1918.

ACVP, Pasta 1ª Guerra Mundial Ambleteuse 2, Ordem nº 57 de 26.02.1919

LC-ACMP, Pasta 1, *Livro de Actas da Comissão Central da Cruzada das Mulheres Portuguesas*, Ata de 13.12.1917.

LC-ACMP, Pasta 6, Carta de Angélica Bordalo Pinheiro, 1918.

PT AHM DIV1/35A/1/09/2751, Boletim individual de Sílvio Rebelo Alves, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=128851>.

PT AHM DIV1/35A/1/02/0356, Boletim individual de Manuel Vítor Guerreiro, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=128167>.

PT AHM DIV1/35A/2/43/40390, Boletim individual de Josué Dinis, [Consulta em 05.09.2018]. Disponível em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=228521>.

PT AHM DIV1/35/123/6, Relatório do Chefe do Serviço de Saúde da Base sobre o Hospital de Hendaia, 07.06.1918.

PT AHM DIV1/35/123/6, Instruções para a evacuação dos doentes e feridos assentados para o Hospital Militar de Hendaia.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Abel Augusto de Sousa Penalva, 26.12.1919.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Afonso Costa para Vitorino Godinho, 25.03.1920.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de M. Martinet para Afonso Costa, 30.05.1917.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de M. Martinet para Afonso Costa, 24.03.1920.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta de Sílvio Rebelo Alves, 15.12.1919.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Carta do Adido Militar para o Chefe do Gabinete da Secretaria da Guerra, 31.03.1920.

PT AHM DIV1/35/1270/5, Nota sobre a dissolução do Hospital de Hendaia.

PT AHM DIV1/35/1271/4, Carta de A. Duverney, 04.07.1919.

PT AHM DIV1/35/1298, Carta do Quartel General Territorial do CEP para o Chefe do Estado-Maior, 30.03.1918.

PT AHM DIV1/35/1372/8, Nota de Gomes de Moura para o Chefe dos Serviços de Saúde, 20.12.1918.

PT AHM DIV1/35/1788, Hospital de Hendaia – Placas.

PT AHM DIV1/35/1790/10, Praças evacuadas para o Hospital de Hendaia.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

PT AHM DIV1/35/670/11, Caderno auxiliar para escrituração dos doentes.

PT AHM DIV1/35/670/11, Registo Disciplinar do Pessoal.

PT AHM DIV1/35/671/2, *Livro de Carga de Medicamentos*.

PT AHM DIV1/35/671/2, *Livro Receituário*.

PT AHM DIV1/35/671/3, Mapas das Visitas Médicas

PT AHM DIV1/35/671/4, Planta do Hospital de Hendaia.

PT AHM DIV1/35/672, Correspondência da Comissão Liquidatária do Hospital Militar de Hendaia.

PT AHM DIV1/35/674, Ordens de serviço do Hospital da Base nº 1, Ordem nº 130 de 02.08.1918; Ordem nº 141 de 13.08.1918; Ordem nº 191 de 05.10.1918; Ordem nº 214 de 28.10.1918.

PT AHM DIV1/35/675/4, Relações de oficiais e praças hospitalizados no Hospital da Base nº 1.

PT AHM DIV1/35/679, Contrato de Manuel Vítor Guerreiro.

PT AHM DIV1/35/699, Mapa da Força do Hospital de Hendaia.

PT AHM FE/110/A11/PQ/40. Fotografias dos hospitais do C.E.P.

Fontes impressas:

FREIRE, João Paulo (1919), *Impressões da Guerra (Notas de reportagem)*, Lisboa, Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha.

MARTINS, Álvaro (1936), *As tropas do 1º Grupo de Companhias de Saúde, em França, na Grande Guerra (1917-1919)*, Lisboa, Imprensa Beleza.

MARTINS, Luís Augusto Ferreira (dir.) (1934), *Portugal na Grande Guerra*, vol. I, Lisboa, Ática.

SARMENTO, David (1918), *As Intoxicações pelos Gases de Guerra (1915-1918)*, Imprensa Nacional, Lisboa.

Legislação:

Decreto nº 2493/1916, de 3 de julho, *Cruzada das Mulheres Portuguesas*.

Decreto nº 3732/1918, de 2 de janeiro, *Estabelecimentos hospitalares*.

Decreto nº 4059/1918, de 10 de abril, *Hospital Militar Português de Hendaia*.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

Lei nº 529/1916, de 12 de maio, *Lotaria Patriótica*.

Portaria nº 1141/1917, de 13 de novembro, *Regulamento do Hospital Militar Português de Hendaia*.

Periódicos:

“Crónica. Ecos sanitários da mobilização” (1918), *A Medicina Moderna*, Ano XXV, vol. IX, nº 289, Porto, Tipografia da Empresa Guedes, p. 8.

“Em Hendaya” (1917), *Ilustração Portuguesa* nº 611, pp. 373-374.

“Recompensas a médicos do C.E.P.” (1920), *Medicina Contemporânea* vol. XXIII, nº 31, pp. 245-247.

“Triangulo Vermelho Portuguez” (1918), *Ilustração Portuguesa* nº 631, pp. 233-235.

Estudos:

AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (coord.) (2013), *Portugal e a Grande Guerra 1914.1918*, Vila do Conde, Verso da História.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2002), “O tratamento de militares no hospital Real do Espírito Santo da Misericórdia de Vila Viçosa no contexto das invasões napoleónicas” in Maria Engrácia Leandro; Maria Marta Lobo de Araújo; Manuel da Silva Costa (org.), *Saúde. As teias da discriminação social. Actas do Congresso Internacional Saúde e Discriminação Social*, Braga, Universidade do Minho, pp. 335-356.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2005), “Hospitais Reais” in José Viriato Capela (coord.), *As freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto Minho: Memória, História e Património*, Braga, Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, pp. 651-652.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2012), “O internamento de militares no Hospital da Misericórdia de Ponte de Lima: doentes, doenças e pagamentos (1814-1850)” in Alexandra Esteves; Maria Marta Lobo de Araújo, *Ponte de Lima: Sociedade, Economia e Instituições*, Braga, CITCEM/Município de Ponte de Lima, pp. 27-49.

BERGEN, Leo van (2014), “Military Medicine” in Jay Winter (ed.) *The Cambridge History of the First World War*, vol. III Civil Society, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 287-309.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

BORGES, Augusto José Moutinho (2007), *Os reais hospitais militares em Portugal administrados e fundados pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus 1640-1834*, Tese de doutoramento, FCM-NOVA [consulta em 27.11.2018]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/5555>.

FERREIRA, Jorge Eurico Gonçalves de Sousa (2012), *A missão e a acção dos militares portugueses: da guerra da restauração à grande Guerra*, Tese de Doutoramento, UCP [consulta em 31.03.2017]. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/12371>.

FRADA, João José Cúcio (2005), *A Pneumónica em Portugal Continental: estudo socioeconómico e epidemiológico*, Lisboa: Sete Caminhos, 2005.

FRAGA, Luís Alves de (2006), “O Serviço de Saúde no Corpo Expedicionário em França: 1916 – 1918” in *Separata das Actas do XVI Colóquio de História Militar («O Serviço de Saúde Militar»)*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar [consulta em 22.03.2018]. Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/523>.

HARRISON, Mark (2010) *The Medical War: British Military Medicine in the First World War*, Oxford, Oxford University Press.

HALLETT, Christine E. (2014), *Veiled Warriors, Allied Nurses of the First World War*, Oxford, Oxford University Press.

LIMA, Helena; SOUSA, Jorge Pedro (2015), “A Ilustração Portuguesa e cobertura da Primeira Guerra Mundial (1914-1918): imagens da guerra em contextos de censura e propaganda” in Gaspar Martins Pereira *et al.* (coord.), *A Grande Guerra (1914-1918): problemáticas e representações*, Porto, CITCEM, pp. 283-297.

LOUSADA, Isabel (2011), “Pela Pátria: A Cruzada das Mulheres Portuguesas (1916-1938)” in *Actas do XIX Colóquio de História Militar «100 Anos de Regime Republicano: Políticas, Rupturas e Continuidades»*, Lisboa, CPHM - Ministério da Defesa Nacional [consulta em 06.06.2012]. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/7007>.

MARQUES, Isabel Pestana (2008), *Das Trincheiras com Saudade, a vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

MONTEIRO, Natividade (2016a), “A Cruzada das Mulheres Portuguesas e a assistência aos feridos e mutilados de guerra (1916-1918)” in Luís Sá e Manuel Rêgo (coord.), *Cruzada das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

Helena da Silva - Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 127-150. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a7

MONTEIRO, Natividade (2016b), “Mulheres Portuguesas em Tempo de Guerra (1914-1918)”, *IDN Leituras da Grande Guerra*, nº145, Lisboa, pp. 109-121.

MOURA, Maria Lúcia de Brito (2006), “A Assistência aos combatentes na I Guerra Mundial: um conflito ideológico”, *Revista Portuguesa de História* nº 38, pp. 41-75.

NOVAIS, Noémia (2013), *A Imprensa Portuguesa e a Guerra. 1914-1918. Os jornais intervencionistas e anti-intervencionistas*. Tese de Doutoramento, FCSH-NOVA [consulta em 30.11.2018]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/10797>.

PORTELA, Margarida (2015), “A Grande Guerra e a Medicina em África” in Carlos Filipe Afonso e Vítor Lourenço Borges (coord.), *Portugal e as campanhas de África: da imposição de soberania à Grande Guerra*, Lisboa, Instituto de Estudos Superiores Militares, pp. 281-306.

SILVA, Helena da (2010), *Do curandeiro ao diplomado: história da profissão de enfermagem em Portugal (1886-1955)*, Tese de doutoramento, EHESS [consulta em 27.11.2018]. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/11627>.

SILVA, Helena da (2014), “O Porto e a construção da cidade moderna: o caso do Hospital Geral de Santo António, nos séculos XVIII e XIX”, *História, ciências, saúde-Manguinhos*, vol. 21, n. 2, pp. 709-725 [Consulta em 27.11.2018]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702014000200013>.

SILVA, Helena da (2017), “As enfermeiras de guerra da Cruzada das Mulheres Portuguesas (1916-1919)”, *Revista CEPIHS* 7, Vila Nova de Famalicão, Húmus, pp. 341-364.

SILVA, Helena da (2018), “O Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa na Flandres” in Abílio Pires Lousada e Jorge Silva Rocha (coord.), *Portugal na 1ª Guerra Mundial. Uma História Militar Concisa*, Lisboa, CPHM, pp. 495-517.

SOBRAL, José Manuel; LIMA, Maria Luísa; CASTRO, Paula; SOUSA, Paulo Silveira (eds.) (2009), *A pandemia esquecida*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

TELO, António José; SOUSA, Pedro Marquês de (2016), *O CEP: os militares sacrificados pela má política*, Porto, Fronteira do Caos.